

Navego em noite estrelada, sulcando as ondas, sem vê-las: – meu corpo está na jangada, minha alma está nas estrelas. <small>Almira Guaracy Rebelo, em 0010</small>	Qual regato belo e manso, vai deslizando a mulher; mas sai logo do remanso se não dão o que ela quer... <small>Angélica V. Santos, em 9908</small>	Sorria, amigo, sorria! Pois, neste tempo de tédio, qualquer sinal de alegria é sempre um santo remédio! <small>Antonio Augusto de Assis, em 0102</small>	Sonho um dia ver barreiras, entre raças, feitas pô... Nações livres, sem fronteiras... Afinal, um Mundo Só!... <small>Carlos Guimarães, em 9908</small>	Ante a linda Cinderela disse o príncipe: “Quem sois?” mas vendo o sapato dela... que susto: quarenta e dois! <small>Djalda Winter Santos, em 0009</small>	Nesta vida eu só queria duas coisas, de verdade: viver – com sabedoria, morrer – com dignidade... <small>Fernando Teófilo, em 9908</small>
Não façam cara de espanto, por favor, não digam nada, quando alguém me ver em pranto a minh'alma foi lavada! <small>Glorinha Rattes, em 0103</small>	Nossos passos, nossas vidas, nossos conflitos banais, são vidas, que são vividas, por nos amarmos demais... <small>Haroldo R. Castro, em 0102</small>	Soberana, eu acredito ser rainha até meu fim, não desse reino em que habito, mas deste que habita em mim! <small>Lucy S. A. da Rocha, em 0009</small>	Na força da fé segura, um Homem justo pregou sem gritar, voz mansa, pura... e a humanidade O escutou! <small>Mariza Estevão, em 0009</small>	Velho cultor de utopias e de ambições altaneiras sonho ver, ainda em meus dias, um mundo igual... sem fronteiras. <small>Waldir Neves, em 9908</small>	Velho sobrado de esquina... não existe mais ali... a saudade é a inquilina dessa casa onde nasci... <small>Wilton Montemor, em 0103</small>

BI UBT Magé: os números são datas de suas Edições (ano e mês)

R E S U M O L I G E I R O D A H I S T Ó R I A D O B R A S I L

Gilson Rangel Rolim, de O Tempo Nem Me Viu Passar, Prosa & Verso, 2004 – EB Projções Editoriais – Uma Casa de Cultura (0 21) 2714-1846

Antes, muito antes que o rei de lá – o velho e glorioso Portugal, ordenasse zarpar a expedição, havia gente vivendo por cá tal como pôde comprovar Cabral, e era bem mais que uma só nação.	Por ser o negro mais forte e no campo trabalhar, teve o índio por sorte ceder ao negro o lugar.	O país desde começo muitos problemas teria. Se hoje está pelo avesso, viva-se de fantasia!	Supostas revoluções, ditaduras sempre falando em defesa do povo não o livraram de tantas agruras, sequer o já esquecido Estado Novo.
Tamoios, Goitacazes, Bororós, Tupinambás, Tucanos, Guaranis, Botocudos, Jurunas, Caiapós, Xavantes, Terenas, Maués, Tupis, Yanomamis e os bravos Pataxós.	Depois que, muito às pressas, deixou Portugal fugindo ao cerco do corso Napoleão, o rei lusitano repetia Cabral. Redescobriu-nos, pois, o sexto D. João.	Utilizando a bandeira do social, veio, afinal, uma falsa revolução. Bem mais a favor dos donos do capital que só ganharam com a Lei da Abolição. Disseram aos negros: chegou a liberdade, vão para a rua sem medo de repressão, Estavam livres, porém só pela metade, o que fazer se sequer tinham profissão!	À massa de ex-escravos, tão falsamente libertos e de tantos descendentes, juntaram-se outros bravos. Pelos caminhos incertos, pobres em levras crescentes!
Pois tinha dono a terra descoberta no continente sul-americano. Mas o português, uma gente esperta, enganou os índios por trás do pano.	Houve algumas melhorias sendo o Brasil novo reino; mas, também, patifarias. Quem sabe não fosse um treino?	Pouco demorou, e o Império ruiu deixando à República essa herança. O que veio após foi o que se viu, morreu bem cedo o pouco de esperança.	O país desde o começo, muitos problemas teria. Se agora está pelo avesso, que viva de fantasia! Mas, pode ser que ocorra para sorte dos plebeus, o fim desta grande zorra por um milagre de Deus!
Um espelhinho aqui, um enfeite acolá, e eis que o índio ri. Pobre Tupinambá!	E continuava sempre crescente a exploração dos pobres africanos. Mesmo tendo ficado independente, a escravidão seguiu por muitos anos.	Quatrocentos anos de problemas e mais outro tanto de privilégios. Na pele do país são eczemas e isso não se aprende nos colégios.	Termino aqui esta história simplista reconhecendo que o país avança aos trancos e barrancos, que alegria! Não sou um debochado pessimista nem sequer perdi de vez a esperança ante tudo que se vê hoje em dia. Sou observador bem realista, mas há muito tempo eu não sou criança, não posso mais viver de fantasia!
De passar alguém pra trás, fazer o índio de otário; qualquer luso era capaz pra ser feliz donatário.	Casa grande, senzala, Brasil indo pra frente. Tráfico em grande escala e o negro no batente.	Pois traficar influência e ter boa comissão virou mesmo uma ciência e curso de corrupção. O país desde o começo muitos problemas teria. Se hoje está pelo avesso, viva-se de fantasia!	
O país com o tal começo muitos problemas teria. Se hoje está pelo avesso, viva-se de fantasia! Assim, o tempo foi passando, passando e o índio sempre a servir, deslumbrado. Mas, pelos lados do mar foi chegando o africano pra ser escravizado.	Os barcos de Mauá, banzo da pobre gente, <i>soirées</i> da sinhá e o negro no batente.	Ao longo destes últimos cem anos, movimentos houve para mudar. Se idéias não faltaram, nem planos, cabeças foi difícil encontrar.	
	Tirar dinheiro do Erário já era coisa comum. Não faltava salafário pra garantir seu algum.		

M I S C I G Ê N E S E

À morenice de Maria Ramos de Castro, em seu septuagésimo segundo natalício.
João Bosco de Castro, em Anuário 2000 da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, Março 2001.

I Portugal faz cirandinha em nação festaroleira, sobre a qual Vaz de Caminha dá notícia alvissareira a Manuel, que se avizinha – Venturoso, bem na esteira da Monarquia marinha – com tal gente hospitaleira, afetuosa e mansinha, de tez lustrosa e trigueira, cuja terra não-maninha produz tintória madeira, avião, fubá-farinha, ouro, samba e seringueira, carne-de-sol, cachacinha (curtida-na-quixabeira), carnaval-com-farofinha, futebol-com-macaxeira!	II No frio junho, a folhinha encarapita a fogueira de São João! Bem à noitinha, a viola alcoviteira aveluda uma cosquinha na donzelice faceira de recatada mocinha cunhãtina casadeira!	III Iorubana princesinha, Iemanjá, deusa inzoneira, da amena e vasta cozinha na agradável cantareira põe água-doce fresquinha, ao gosto da cozinha: costela-com-canjiquinha, tutu-com-couve à mineira!	IV Por chancelas da vizinha Guiné-Bissau curandeira, Preto-velho abluí a tinha, com rezação-benzedeira, do fogacho da rainha, a quem a porta-bandeira desfralda a verde-lourinha reverência feiteira!	V Sincretista ladainha de terracota caseira (careta-de-capetinha, pomba-gira, cangaceira, bode-preto e mãe-cabrinha, talismã-de-sexta-feira,	VI Jananaira e Iarinha): tudo em arte de primeira! Sublimai a crioulinha que rebola, regateira, e aprimora a cinturinha na candente gafeira, sem nenhuma firulinha de afetação mesureira: cor-de-cuia... tostadinha, volumosa cabeleira, guedelhuda-carapinha, discreta nuca-de-feira, franja lisa e aparadinha com trança namoradeira! Mimosa portuguesa de alma doce e menineira,	VII negra-puri-mulatinha, sirigaita-fofoqueira, assustada gazelinha, sururina-carpideira endíabrada-santinha, leviana e faroleira! Trinetos da Ribeirinha – de Taveirós a primeira Musa, que a Sancho convinha (favorita não-meeira!...) –, apreciai a ruivinha transmontana e a sobranceira cunhã (prenda-pretinha, prestimosa e prazeteira), e, na plurifazendinha de Além-Mar à Mantiqueira, celebrai a moreninha: flor lusafrobrasileira!	VIII X IX
--	---	--	---	--	---	---	-----------------

Galdina Britto de Abreu, Rimas; Jorge Picanço Siqueira, Tambatajã (Homenagem a Waldemar Henrique), ambos também em Anuário 2000 da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, Março 2001.

Se a lua tivesse e-mail, não se arriscaria dizer a que veio... não estaria cheia de ser temporária e nem seria nova e sempre solitária se a lua tivesse e-mail, não agüentaria o bêbado falante, nem suportaria o poeta amante, mas seria triste mesmo triunfante...	pois seria gente, ainda que crescente e não seria um astro, raro e minguante... <i>Se a Lua Tivesse E-mail</i> Para a tese – teoria para a vida – poesia e vice-versa. A palavra além conversa... Com quem?	Um vampiro elegante distante das assembleias, das diarréias em grupo... Um macaco assustado acorrentado nos versos apodrecidos da rua... Assim me lê a lua... assim a lua me lê. <i>Dívida Assim a Lua Me Lê</i>	As pessoas quando vão embora: a) Desacontecem? b) Acontecem em outro lugar? c) Desacontecem em um não-lugar? d) Acontecem aqui? As pessoas quando vão embora acontecem no fundo do peito... Quando bate o efeito saudade.	Guerra aqui, guerra lá... quando o planeta mergulhar na barriga do abismo eu vou, lentamente expor os gravetos ao sol fazer um chá de achincalhe fritar um ovo no eclipse provar o apocalipse e não me esquecer de deitar com o controle remoto. Só pra apagar as estrelas. <i>Sonolência</i>
---	--	--	--	---

Edmilson Felipe, de Antes do Medo (Versão Preliminar por editoração em definitivo); contato: dimi2005@uel.com.br